

# Aula 3

## MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE

### **META**

Apresentar ao aluno a relação do meio ambiente com a sustentabilidade e o papel de ambas no cenário da EA

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Estimular o aluno a entender a relação do meio ambiente com a sustentabilidade;
- Instigar a percepção do papel de ambas no cenário da EA;
- Compreender como ocorrem essas relações a partir da EA.

### **PRÉ-REQUISITO**

Aula 02.

**Lillian Maria de Mesquita Alexandre**

### INTRODUÇÃO

Prezados alunos, nesta aula iremos tratar das questões relacionadas ao meio ambiente e a sustentabilidade e da forma com que esta relação acontece no cenário da EA. Dessa forma, as informações que se seguem darão subsídios a vocês de organizarem o conteúdo de forma clara, pontual e dinâmica e a promoverem as intervenções necessárias para a construção de um pensamento mais coerente. Excelentes pesquisas.

### O PENSAMENTO AMBIENTAL

A questão ambiental é um assunto relativamente novo, que tem ganhado proporção devido à crise do meio ambiente, o que tem gerado uma reflexão sobre a maneira como o ser humano se relaciona com a natureza. Esse relacionamento não tem ocorrido de forma harmoniosa, pois o homem evoluiu e com esta evolução, novas tecnologias surgiram, novos procedimentos e posturas foram adotados a fim de melhorar a forma de vida do ser humano.

Segundo Drew (2005, p. 01):

O homem primitivo via a natureza como sinônimo de Deus, a exemplo de muitos povos “primitivos” de hoje e, portanto, ela deveria ser temida, respeitada e aplacada. No mundo desenvolvido da atualidade, as abordagens para a mudança ambiental oscilam desde “se pode ser feito, faça-se” até a filosofia da “volta à natureza” dos mais extremados ecologistas. A tradição cultural tem desempenhado o seu papel na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente.

A relação do homem com a natureza era vista de forma intrínseca, uma vez que este se via como natureza, como parte da cadeia produtiva, os recursos naturais deveriam ser conservados a fim de dar manutenção à vida. Entretanto, o crescimento da utilização da ciência e da tecnologia, explorou os recursos naturais de forma insustentável, causando degradações no meio ambiente, interferindo o relacionamento do ser humano com a natureza e provocando a degradação ambiental.



Fonte: <http://www.mauoscar.com>

Em relação à degradação ambiental Pelicioni (2005, apud PHILIPPI, 2005, p.353) afirma que:

A degradação ambiental que hoje se apresenta, é decorrente da profunda crise social, econômica, filosófica e política que atinge toda a humanidade, resultante da introjeção de valores e práticas que estão em desacordo com as bases necessárias para a manutenção de um ambiente sadio, que favoreça uma boa qualidade de vida a todos os membros da sociedade.

A degradação ambiental evidencia o consumismo exacerbado da sociedade, a busca de crescimento e obtenção de riquezas. O homem utilizou-se da natureza sem restrições, agredindo-a e pondo em risco sua própria existência, pois ao destruir a natureza, causando a desertificação, extinção de espécies silvestres, poluição dos rios e solo, estava ao mesmo tempo provocando sua autodestruição.

O distanciamento do homem em relação à natureza ganhou proporção, quando o homem foi submetido aos novos processos e ciências que a contemporaneidade exigia. Desta forma, novas técnicas foram adotadas, máquinas, fábricas, carros, navios foram desenvolvidos, o crescimento desordenado dos centros urbanos gerou um afastamento do homem com a natureza.



Fonte: <http://www.mauoscar.com>

Isso aconteceu porque o homem focou suas atenções no mercado industrial que estava sendo desenvolvido no início do século XVIII, sendo marcado, principalmente, pela Revolução Industrial, que facilitou que os impactos ambientais intensificassem a poluição do ar, das águas e dos solos prolongando-se até os dias atuais, onde as mudanças climáticas passam a ser um dos sinais mais fortes desse desrespeito ao longo do tempo (DREW, 2005).

A Revolução Industrial introduziu na sociedade moderna:

[...] um modelo econômico que tem como seu objetivo a expropriação e exploração dos recursos naturais. Isso proporcionou melhora nas condições de vida – ao compararmos com a situação existente na época pré-industrial - mas resultou no aumento populacional, que, por sua vez, passou a exercer pressão cada vez maior sobre os recursos naturais. (JESUS, 2002, p.132)

Esse novo desenvolvimento mercadológico transforma os processos manuais em produções de massa, a máquina acelera o processo manual, o homem tornou-se um ser individualista em busca de inserção neste novo modelo, uma vez que o trabalho artesanal criado por peça única, abre espaço para a produção em grande escala, transformando a matéria prima em produtos acabados fabricados em séries, impondo maior retirada de recursos naturais da natureza, colocando em alerta os cuidados com o meio ambiente.

Antes dos novos adventos originados com a Revolução Industrial:

[...] não existiam empresas da forma como as conhecemos hoje. Elas eram domiciliares, praticamente não havia divisão de trabalho e a produção estava a cargo dos artesãos que executavam o trabalho manualmente, sendo poucas as máquinas utilizadas [...] predominavam as relações empregado-empregador (KWASNICKA, 1995, p. 24)

As riquezas naturais começam a ser exploradas para a produção e obtenção de lucro, transformando-os em recursos e o valor da terra passa a ser percebido como fonte de renda e apropriação de bens de consumo, em prol do capitalismo que ignora os limites de exploração, fragilizando a natureza e gerando grandes catástrofes ambientais.

Segundo Neiman (2002, p. 05):

As riquezas naturais presentes nos diversos territórios são explorados para a produção do lucro. Ao transformar os elementos naturais em recursos, o capital ignora os limites de exploração e gera grandes catástrofes ambientais. A fluidez imposta pelo grande capital ao espaço faz com que diversos lugares estejam subordinados a uma lógica estranha às sociedades e aos limites naturais de exploração de riquezas. Como tal movimento raramente respeita as limitações sociais ou naturais dos lugares, ela se impõe com violência às sociedades e ao meio sem que possa ser acompanhada na sua demanda por velocidade.

Neste momento, os recursos naturais estavam sendo visto como mercadoria que podia se reposta, a ênfase estava na lucratividade, capital circulante, com isso, a problemática ambiental ganhava proporção alarmante, pois a sociedade capitalista desconsiderava os riscos do seu consumismo exacerbado.

Segundo Lafargue (1983, apud CORIOLANO; SILVA, 2005, p. 59)

Na sociedade capitalista, o trabalho é a causa e toda a regeneração intelectual, de toda deformação orgânica. Trabalhem, trabalhem proletários para aumentar a riqueza social e suas misérias individuais, trabalhem, trabalhem para que, ficando mais pobres, tenham mais razões para trabalhar e tornarem-se miseráveis. Essa é a lei inexorável da exploração capitalista.

A produção industrial tornou-se a maior fonte de lucro e o trabalho assalariado passou a ser a relação típica do capitalismo, quem recebia salário,

consumia os produtos que fabricava, o trabalho tornou-se mercadoria. As pessoas eram submetidas a cargas horárias exaustivas de trabalho, a fim de produzirem mercadorias e acumular capital financeiro.

As mercadorias eram fabricadas em quantidade nunca vistas antes, sendo colocadas em circulação numa velocidade impressionante, em que era preciso retirar da natureza mais que o necessário. Essa velocidade na industrialização é altamente perigosa para a natureza, pois esta não consegue acompanhar esse acelerado desenvolvimento, se aproximando cada vez mais da possibilidade de acidentes ambientais, que de certo modo, já se apresenta em escala local e global.

### EM BUSCA DA SUSTENTABILIDADE

Reportar-se ao termo sustentabilidade é buscar, em outras palavras, que o desenvolvimento deva ser capaz de prosseguir de forma praticamente permanente, como um processo de aumento de produto, melhoria dos indicadores sociais e preservação ambiental (GOMES, 1995). Becker (1999, p. 20-21) descreve que a noção de desenvolvimento sustentável vem sendo utilizada como:

[...] portadora de um novo projeto para a sociedade, capaz de garantir, no presente e no futuro, a sobrevivência dos grupos sociais e da natureza. Transforma-se, gradativamente, em uma categoria-chave, amplamente divulgada (até mesmo um modismo), inaugurando uma via alternativa onde transitam diferentes grupos sociais e de interesse como, por exemplo, políticos, profissionais dos setores público e privado, ecologistas, economistas, agências financeiras multilaterais, grandes empresas, etc.

**O Desenvolvimento Sustentável foi definido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”] (DIAS, 2004, p. 120).**

Desse modo, esse conceito surge da necessidade e contradição de que as nações se encontram para promover o desenvolvimento e crescimento, mas explorando de maneira racional os recursos naturais. Pois é preciso reaprender a utilizar estes recursos para haver um maior equilíbrio no Meio Ambiente, pois o mesmo seria direto de todos, segundo a Constituição Federal, como afirma Pelicioni (2005, p. 593):



A Constituição Federal brasileira de 1988 foi a primeira a incluir um capítulo sobre Meio Ambiente. Caracterizou em seu capítulo 6º a educação como direito social de todos e dever do Estado e da família, que deve ser promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento do indivíduo e seu preparo para o exercício da cidadania. Ela determina que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à ótima qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

É sabido que as preocupações do homem com o meio ambiente foram exacerbadas após a Segunda Guerra Mundial, quando se iniciou uma notória preocupação com a escassez de recursos aliada a fenômenos climáticos como o de 1952 em Londres, denominado “smog”, e catástrofes de contaminação como o “Mal de Mina mata” em 1953 no Japão. Tais acontecimentos fizeram com que, na década de sessenta, surgisse um verdadeiro movimento denominado ambientalismo, inspirado na obra da bióloga americana Rachel Carson, denominada *Silent Spring*.

A partir daí desenvolveu-se um verdadeiro arcabouço legislativo ambiental em nível mundial que induziu, inclusive, o ordenamento interno de diversos países. Com o moderno acesso às informações tecnológicas, verificaram-se que os impactos ambientais advindos da utilização dos recursos naturais, não poderiam ficar restritos à responsabilidade de alguns países. A descoberta de que a utilização dos recursos naturais eram finitos fez com que fossem definidos os limites da segurança para que o bem-estar não fosse comprometido.

Desta forma, ao longo das últimas décadas, aliada ao modelo político, aumentou-se a intervenção do Estado, não só pela busca do equilíbrio do mercado, mas visando a induzir determinadas condutas em prol da sustentabilidade ambiental. Ao contrário do que se poderia imaginar, a busca pela eficácia econômica parece ter confluído para a criação de mecanismos de intervenção que beneficiam o meio ambiente. Para Becker (1999, p. 23), a concepção “econômica” do desenvolvimento sustentável aponta para novos mecanismos de mercado como:

[...] a solução para condicionar a produção à capacidade de suporte dos recursos naturais (inclusive aqueles de taxaço da poluição). O que se visa, portanto, é estender a regulação mercantil sobre a natureza, fazendo com que a luta sociais pelo controle dos recursos naturais passe em maior medida pelo mercado, e não (ou cada vez menos) pela esfera política. Ignora-se (ou tenta-se ignorar) o conflito pelo controle sobre os recursos naturais, procurando criar condições para poupá-los sem, no entanto, considerar as condições sócio-políticas que regem o poder de controle e uso destes recursos.

### CONCLUSÃO

No momento em que o homem percebe que as suas ações geram transtornos, que muitas vezes, podem ser irreparáveis ao meio ambiente, ele busca, a partir da própria cronologia vista na aula anterior, alternativas viáveis para minimizar os impactos e busca formatar a sustentabilidade em suas ações relacionadas ao meio ambiente, uma vez que há uma compreensão de que os recursos são finitos.



#### RESUMO

A sustentabilidade é uma forma de buscar reparar as ações outrora iniciadas de forma irracional e sem mensuração dos danos de tais ações. Com isso, o desenvolvimento pode ser suavizado a partir das questões sustentáveis inseridas ao meio ambiente.



#### ATIVIDADE

Pesquisa sobre a contextualização apresentada aqui sobre a relação da sustentabilidade no meio ambiente e o papel das ações do homem neste cenário. De que forma essa relação ocorre?

#### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

É importante frisar que o cenário capitalista não apresenta opções para que o desenvolvimento seja sustentável e essa busca passa a ser necessária, uma vez que os recursos são finitos e demoram a se renovar e em alguns casos, não se renovam. Então, a relação homem/natureza deve ser sustentável.



#### AUTO-AVALIAÇÃO

A partir desta aula, como você poderia descrever as ações relacionadas ao meio ambiente e a sustentabilidade? Elas são compatíveis no modelo capitalista? Justifique em até 20 linhas.





## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos as questões da educação ambiental como instrumento para a busca de uma nova forma de pensar as ações do homem na natureza.

## REFERÊNCIAS

- DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente**. 6ªed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M. Teixeira; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Melo e. **Turismo e Geografia: Abordagens críticas**. Fortaleza: UECE, 2005.
- NEIMAN, Zysman. **Meio ambiente educação e ecoturismo**. Barueri: Manole, 2002.
- JESUS, Ana Paula de. **Educação ambiental e turismo: Perspectiva de desenvolvimento sustentável no município de Pedro Toledo (SP)**. (orgs). LICKORISH, Leonardo John, CARSON L. Jenkis. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2000.
- BECKER, D. F. (Org.). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- CAIDEN, G. E.; CARAVANTES, G. R. **Reconsiderações do conceito de desenvolvimento**. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.
- CARA, R. B. El turismo y los procesos de transformación territorial. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004. 120p.
- DREW, D. **Processos interativos homem-meio ambiente**. Tradução de João dos Santos; revisão de Suely Bastos. São Paulo: DIFEL, 1986.
- HALL, M. C. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001. Coleção Turismo Contexto.
- GONÇALVES B. D. **Desenvolvimento Sustentável: O desafio da presente geração**. Disponível em: <<http://www.espaçoadadêmico.com.br>> Acesso em: 21 out 2007.
- PHILIPPI JUNIOR, A. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. In: PELICIONI, M. C. F. **Educação Ambiental: Evolução e Conceitos**. Barueri, SP: Manole, 2005. (Coleção Ambiental 2).

RUSCHMANN, D. V. de M.. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual.** Tradução de Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1988.

VIEIRA, L. V. L. V. **Turismo como alternativa de desenvolvimento no município de Poço Redondo.** (Dissertação de mestrado). São Cristóvão: UFS/NESA/PRODEMA, 2000.

ZAMBERLAM, J.; Froncheti, A. **Agricultura Ecológica: Preservação do pequeno agricultor e do Meio Ambiente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.